



MULHERES GENÉRICAS: A VIDA DOS CROSSDRESSERS

Kizzy Cristina da Fonseca Santos¹
Vanessa Nathalia Faria²

Resumo: O livro-reportagem tem como objetivo abordar o comportamento *crossdressers*, homens que se vestem como mulheres, explorar as experiências, sentimentos e histórias desses homens. Para tanto, foram entrevistados seis *crossdressers*, sendo quatro da cidade de Curitiba, a esposa de um deles, e dois de São Paulo, entre eles o cartunista e jornalista Laerte Coutinho, além da contribuição teórica de um sexólogo e psicoterapeuta, um psicólogo e uma socióloga. O ato de travestir-se é algo antigo, com significados distintos, dependendo das localidades e tradição de um povo. O comportamento *crossdresser* tornou-se mais organizado por volta dos anos 60, nos EUA, por meio de alguns clubes. Contudo, o tema - homens que se vestem como mulheres - tornou-se muito conhecido hoje, devido a divulgação dos meios de comunicação e afins, que impulsionaram a discussão do ser homem em todas as camadas da sociedade.

Palavras-chave: *crossdresser*; travestismo; homem; desejo; preconceito.

Abstract: This book-report aimed to approach the cross-dressers behavior, men who dress like women, to explore the experiences, feelings and those men's history. For that, six cross-dressers were interviewed, being four from Curitiba city, the wife of one of them, and two from São Paulo, among them is the cartoonist and journalist Mr. Laerte Coutinho, besides the theoretical contribution from a sexologist and psychotherapist, also a psychologist and a sociologist. The act of transvestism is something old, with different meanings, depending on the locations and tradition of a people. The cross-dresser behavior became more organized about the sixties, in the USA, through some clubs. However, the theme – men who dress like women – became much known nowadays, owing to means of communication releasing and suchlike that prompted the discussion of human being in all layers of society.

Keywords: crossdresser; travestism; man; desire; prejudice.

¹ Aluno recém-graduado do curso de Jornalismo da Universidade Guarulhos. kizzyzzik@hotmail.com

² Aluno recém-graduado do curso de Jornalismo da Universidade Guarulhos.
Vanessanathalia88@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Maquiagem, saia, unha pintada e salto alto são representações que remetem, de imediato, ao universo da mulher. No entanto, esses acessórios já não pertencem, exclusivamente, ao mundo feminino.

Com o tempo, novos comportamentos surgem e tornam-se bastante visíveis na sociedade. Tudo o que foge dos padrões habituais instiga, o novo e o diferente são questionados, causam dúvidas e (pré) conceitos. Mas criam, simultaneamente, uma nova consciência, outros paradigmas, pois desenvolvem ideias, abrem horizontes para novas experiências e perspectivas distintas. Atualmente, não há um limite bem demarcado entre o espaço feminino e o masculino. As pessoas podem escolher e podem ir ao encontro de seus desejos.

Este século permite, até certo ponto, a liberdade de escolha e a liberdade de opção, mesmo em face de alicerces patriarcais e capitalistas geradores de sociedades tradicionais e conservadoras, ser homem é ter maior alcance, é poder decidir e ter, como já foi dito, liberdade de ação e de ser. Hoje, as pessoas mostram como é ser homem além de ser macho. Quem são eles? Eles são os *crossdressers*.

O termo indica pessoas que se vestem como mulheres ou usam objetos do sexo oposto. A palavra *crossdressing*, ou travestismo, muitas vezes, é abreviada pela sigla CD. Não denota a orientação e ou preferência sexual de alguém, apenas designa indivíduos que usam roupas e acessórios do sexo oposto, ou seja, um *crossdresser* pode ser heterossexual, homossexual ou bissexual.

Segundo Eliane Kogut³ (2006), em tese de doutorado, o vocábulo travestismo foi proposto pelo médico alemão Magnus Hirschfeld, em 1910, a fim de diferenciar aqueles que possuem prazer em usar roupas do sexo oposto, sendo a grande parcela heterossexuais.

Há relatos de que a etimologia *crossdresser* foi adotada nos anos 60 e 70 para distingui-la de travesti, palavra carregada de estereótipos, considerada pejorativamente, ligada à prostituição e à homossexualidade.

³ Eliane Chermann Kogut- *Crossdressing Masculino: uma visão psicanalítica da sexualidade/ Tese de doutorado em psicologia clínica PUC-SP, 2006.*

Segundo Kogut (2006), os primeiros clubes de *crossdressers* surgiram na década de 60, nos EUA, por meio da iniciativa e liderança de um *crossdresser*, doutor em ciências, Virginia Prince. Nesse mesmo ano, Prince lançou a revista *Travestie*, que é divulgada nos EUA, Europa e Austrália. No Brasil, a expressão apareceu em 1997, no mesmo ano em que foi fundado o clube BCC- *Brazilian Crossdresser Club*⁴.

Antes da década de 80, pouco se falava sobre a sexualidade humana. A ciência publicava artigos específicos e não gerais. O sexólogo Ronaldo Pamplona Costa (2005), explica que, somente depois do advento da AIDS, a medicina foi obrigada a encarar a sexualidade, sobretudo o homossexual. Nesse sentido, o *crossdresser* era quase ignorado pela sociedade.

Afinal, o que é ou quem é o *crossdresser*? Pamplona (em entrevista) procura esclarecer que o *crossdresser* nada mais é do que um tipo de travesti:

É um tipo de comportamento onde (sic) os homens na maioria deles heterossexuais têm necessidade de travestir-se. É como se o *crossdresser* tivesse uma parte da personalidade dele, uma parte da identidade de gênero feminina, e tem uma necessidade de aparecer socialmente. Eles são casados, muitas vezes, têm um nome feminino. Algumas vezes isto é relatado às esposas, familiares ou, outras vezes, é algo que fica totalmente oculto.

A partir dos anos 90, por meio da mídia, surge um novo termo a fim de conceituar a questão relacionada aos *crossdressers*, o transgênero, que se refere ao indivíduo que, em tempo integral ou parcial, transita entre os dois gêneros. O psicólogo e psicoterapeuta Luiz Fernando Calaça aponta que o transgênero cruza a fronteira da questão dual masculino feminino para experimentar o outro lado do gênero, sem se enquadrar totalmente em um ou em outro. Incluem-se, nesse conceito, os *crossdressers*, transexuais, travestis, *drags queens* e transformistas.

Stuart Hall (2005), em sua obra “Identidade Cultural na Pós-modernidade”, afirma que é possível verificar na sociedade um pluralismo cultural em que o indivíduo assume diferentes papéis. As velhas identidades entram em declínio, surgindo novas que fragmentam o indivíduo e fazem-no entrar em “crise”. Esse indivíduo moderno, que estava alicerçado e estruturado na sociedade, vê-se diante de novos padrões e conceitos.

⁴ www.bccclub.com.br

Assim é o *crossdresser*, uma nova inserção de ser homem na sociedade contemporânea que, segundo Ana Cláudia Fernandes Gomes, mestre em sociologia da cultura, esse *neo* fenômeno ocorreu com a abertura dos meios de comunicação de massa e meios digitais e de uma indústria cultural orientada pelo consumo.

A socióloga, ainda, complementa que a relação homem e mulher sofreu uma mudança e, conseqüentemente, uma transformação de papéis na vida em comum do indivíduo:

O vestuário masculino assumiu poucas mudanças no decorrer do tempo, mas, o que muito se alterou foi a relação entre homens e mulheres, aí sim, temos uma questão relevante. Os homens começaram a assumir publicamente funções domésticas, além da expressão de sentimentos como choro e afeto, aliado a isso, as mulheres reafirmaram as funções de mercado e, de certa forma, um enrijecimento de expressão de sentimentos. Esses são reflexos de novas sociabilidades entre os gêneros.

Além disso, a socióloga destaca o fato da conquista na esfera pública das mulheres, e indica que, agora, os homens devem ser os agentes da inovação cultural e social, propondo assim, uma menor desigualdade entre os gêneros. Alerta, também, que o preconceito surge como uma resposta ao desconhecido e ao inovador, contudo, “a cultura é um processo sócio-histórico dinâmico, tudo se transforma e as mudanças são bem-vindas para propiciar reflexão e questionamento”, comenta a socióloga.

É preciso salientar que o comportamento adotado por algumas pessoas que se vestem como o sexo oposto é milenar e, até mesmo, considerado tradição, dependendo da cultura e da região, como pondera a socióloga. Na Escócia, os homens usam o *Kilt-saiote* masculino- como traje típico. Na verdade, o *Kilt* era usado pelos guerreiros e batedores de clãs, no século XVI, afirmando a coragem e a bravura do escocês. Atualmente, o *saiote* masculino é adotado em vários países, inclusive no Brasil. Na galeria do Rock, em São Paulo, há peças semelhantes à venda para o público masculino. Há muitos outros exemplos como túnicas dos egípcios, gregos, romanos e de vários países africanos.

2 OBJETIVO

Nesse contexto de transformação dos modos comportamentais da sociedade atual, o objetivo do livro-reportagem *Mulheres Genéricas* é informar e publicar sobre o *crossdresser* de forma a conceituá-lo e contextualizá-lo na sociedade contemporânea; identificar medos e conflitos existentes; além de investigar o *crossdresser* a partir de personagens reais. Pretende-se estudar esse homem que, aos poucos, está largando os “mitos” masculinos para se permitir viver mais livre, mais feliz e conhecer-se, expondo assim o lado feminino nele existente.

3 JUSTIFICATIVA

O tema proposto vai além dos paradigmas impostos pela sociedade. A partir do momento em que o mundo moderno começou a lidar com novas culturas e perspectivas de vida, esta análise tornou-se necessária. A pesquisa permitiu também, apontar as consequências do comportamento *crossdresser* na sociedade futura. A contribuição norteia os novos modelos de família e de público consumidor, além de fomentar discussões sobre os gêneros e suas distinções.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS

A fim de coletar dados relevantes ao tema, foi realizada entrevista semiestruturada, pesquisa teórica e de campo, assim como também leitura de livros específicos sobre o assunto exposto, que contribuíram para um maior esclarecimento sobre o tema.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O primeiro capítulo aborda a história de um *crossdresser*, que hoje é visto como referência para muitas integrantes do clube BCC. Márcia conseguiu administrar bem a transgeneridade na vida dela, é casada, tem uma filha que sabe do comportamento

transgênero do pai. Foi por meio do BCC que Márcia começou a entender melhor a condição do travestismo e, atualmente, tem uma participação de destaque no clube.

As integrantes do grupo Curitibanas são apresentadas no segundo capítulo. Nessas páginas, há relatos de três *crossdressers* que devido às atividades profissionais, passaram a morar em Curitiba. Conhecem-se e exploram a transgeneridade, umas mais, outras menos, com a ajuda do grupo.

No terceiro capítulo, a narrativa de Laerte Coutinho contrasta bastante das demais. Há pouco tempo, em 2008, Laerte assume a transgeneridade, o que aconteceu com o auxílio do personagem de suas charges, Hugo. As experiências e as descobertas do cartunista são desenhadas no capítulo, e elas o levaram para outro espaço social.

O último capítulo revela a história da *crossdresser* Letícia Lanz e da esposa dela. No capítulo, é contado como e quando Letícia decide contar à esposa e aos filhos sobre seu comportamento *crossdresser*, a relação dela com a família, e a forma que encontrou para entender a si mesma e o mundo.

6 CONSIDERAÇÕES

No decorrer desta pesquisa jornalística, foi possível verificar que a denominação *crossdresser* é usada para substituir o termo travesti que, tanto nos EUA como no Brasil, é designado a homens homossexuais que se prostituem, considerados sempre, pejorativamente, como barraqueiros e extravagantes, além de diferenciar o nível socioeconômico deles. Os próprios entrevistados, ora se classificam como *crossdressers*, ora como travestis, ou, como o cartunista Laerte Coutinho, nem um, nem outro, mas pós-gênero.

O *crossdresser* é, na maioria das vezes, heterossexual, contudo, entre os entrevistados, há bissexuais também. Mas, como citado pelo o sexólogo Ronaldo Pamplona, a identidade de gênero, o papel de gênero e a orientação sexual são coisas distintas.

Diante das entrevistas, com a globalização e o advento da internet, é preciso avaliar até que ponto vai a linha, cada vez mais tênue, do universo feminino ao masculino. Como houve a luta a favor do negro, da mulher, do movimento *hippie*, será que também é preciso repensar a questão de gênero na sociedade?

O sociólogo norte americano, Alfred Charles Kinsey, lançou o livro “*Sexual Behavior in the Human Male*”, em 1948, sobre o comportamento sexual do homem. A obra foi polêmica, pois o tema era pouco explorado na época. O desfecho deste livro-reportagem traz um trecho do discurso de Kinsey, abordado no filme: Kinsey- Vamos falar de Sexo, (2004):

“Porque todos são diferentes. O problema é que todas as pessoas querem ser iguais. Acham mais fácil ignorar esse aspecto fundamental da condição humana. Querem tanto fazer parte de um grupo, que traem sua própria natureza para conseguir isso.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos. **Escrevendo pela nova ortografia:** como usar as regras do novo acordo ortográfico da língua portuguesa. 2. ed. São Paulo: Houaiss, 2008.

BELO, Eduardo. **Livro reportagem.** São Paulo: Contexto, 2006.

CAPOTE, Truman. **A Sangue Frio:** relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas consequências. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

CARTA, Gianni. **Velho Novo Jornalismo.** São Paulo: Códex, 2003.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa.** 48. ed. São Paulo: Ibep Nacional, 2009.

EUSTÁQUIO DE SOUZA, Geraldo. **O Zen Nosso de Cada Dia.** 2. ed. Curitiba: Companhia para crescer, 1996.

_____. **Muito Prazer em me Conhecer.** 5. ed. Curitiba: Companhia para crescer, 1998.

_____. **Eu Comigo Aqui e Agora**. 8. Ed. Curitiba: Companhia para crescer, 1998.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual da Redação da Folha de São Paulo**. 14. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

INFANTE, Ulisses; CIPRO NETO, Pasquale. **Gramática da Língua Portuguesa: conforme acordo ortográfico – reformulada**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 2010.

KINSEY: **vamos falar de sexo**. Produção de Bill Condon. EUA, 2004. 118 minutos, sonoro. Legendado.

MORAES NETO, Geneton. **Livro das Grandes Reportagens**. São Paulo: Globo, 2006.

MOREIRA, Maria Teresa. **Boa-Noite-Cinderela**. São Paulo: Zit Editora, 2008.

OYAMA, Thais. **A Arte de Entrevistar Bem**. São Paulo: Contexto, 2008.

PAMPLONA COSTA, Ronaldo. **Os Onze Sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana**. 4. ed. São Paulo: Kondo, 2005.

PEREIRA LIMA, Edvaldo. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. Barueri: Manole, 2009.

RESENDE, Fernando. **Textuações**. São Paulo: Annablume, 2002.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Summus, 2005.

SOUZA PINTO, Ana Estela de. **Jornalismo Diário**: reflexões, recomendações, dicas e exercícios. São Paulo: Publifolha, 2009.

SQUARISI, Dad; SALVADOR, Arlete. **A Arte de Escrever bem**: um guia para jornalistas e profissionais do texto. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

TRAMONTINA, Carlos. **Entrevistas**. 2. ed. São Paulo: Globo, 1996.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

REFERÊNCIA WEBLIOGRÁFICAS

BRASILIAN CROSSDRESSER CLUB. Disponível em: <<http://www.bccclub.com.br>>. Acesso em: 14 jul. 2011.

COUTINHO, Laerte. Site do cartunista Laerte Coutinho. São Paulo. Disponível em: <<http://www.laerte.com.br>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

EUSTÁQUIO DE SOUZA, Geraldo: Descolados / promovendo a liberdade de expressão, combatendo tabus e estimulando as mudanças através da introdução de novos paradigmas. Curitiba. Disponível em: <<http://www.descolados.org>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

_____. Companhia Para crescer. Curitiba. Disponível em: <<http://www.paracrescer.com.br>>. Acesso em 10 ago. 2011.

KOGUT, Eliane Chermann. **Crossdressing Masculino**: uma visão psicanalítica da sexualidade crossdresser. 2006. Tese (Doutorado em psicologia clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <

http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/3/TDE-2007-06-T10%3a21%3a01Z-3401/Publico/PCL%20-%20Eliane%20Chermann%20Kogut.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2011.

LANZ, Letícia. Grupo Curitibanas. Grupo de Apoio e Convívio de Pessoas Transgêneras da Cidade de Curitiba. Curitiba. Disponível em: <<http://www.curitibanas.net>>. Acesso em: 22 set. 2011.

_____. Arquivo Transgênero. Curitiba. Disponível em: <<http://www.leticialanz.org>>. Acesso em: 22 set. 2011.

MENEZES, Cynara. [**Entrevista disponibilizada em 21 de setembro de 2011, à internet**]. 2011. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/destaques_carta_capital/a-era-do-pos-genero-2>. Acesso em: 23 de set. 2011.